



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“SEGREDOS DE LIQUIDIFICADOR”¹: Análise das entrevistas com as vendedoras dos sex shops de Mossoró - RN

Paloma Paula Pereira Gondim

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduada em Ciências Sociais com habilitação em bacharelado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: paloma_gondim@yahoo.com.br

RESUMO:

Este artigo apresenta as entrevistas realizadas com vendedoras de dois sex shops em Mossoró. Comentários ou opiniões fornecidas durante o inquérito para apuração acerca da sexualidade e o comportamento das clientes visto pelo olhar de quem vende. As perguntas foram feitas coletados, subdivide-se o artigo para falar da heterodoxia normativa da sexualidade, do papel da feminilidade, descolada do conceito de reprodução tão sublimada socialmente dentro da heteronormatividade. E por último, como o erotismo transgride esses dois conceitos normativos, revelando pela primeira vez a mulher em sua sexualidade não estando dentro de um círculo crônico de reprodução.

Palavras-chave: Sexualidade, gênero, sex-shop.

INTRODUÇÃO

Gênero, nesse sentido, é a configuração culturalmente mais elaborada que a diferença sexual, da forma binária feminino/masculino, que se molda em cada sociedade e que se manifesta nos papéis e status atribuídos a cada sexo e constitutivos da identidade sexual dos indivíduos. O que implica dizer que o gênero deve ser visto com um conjunto de dessemelhanças de poder, mas não por isso fechado a novas transformações. A primeira e principal questão que nos leva a esta pesquisa é averiguar as razões pelas quais as mulheres são as consumidoras mais assíduas dos sex shops na cidade de Mossoró-RN.

Tal discussão será feita a partir de pesquisa etnográfica desenvolvida no sex shop *Sensual Delivery* na cidade de Mossoró. Baseada no capítulo de abertura da obra de Malinowski (1998), considero o método de observação descritiva no uso de coleta de material

¹ “*Segredos de liquidificador*” é uma expressão usada em uma das canções do cantor e compositor Cazuza para o ato erótico de lambar a orelha de outra pessoa com movimentos circulares que a expressão metaforiza e sussurrar palavras. A escolha desse título é uma alusão às entrevistas com as vendedoras abordadas nesse artigo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

etnográfico. Malinowski (1978) apresenta “uma descrição dos métodos utilizados na coleta do material etnográfico” (1978, p. 18), como referência de seu trabalho de campo. No intuito de observar criticamente os ainda vigentes desacordes feitos às mulheres, exibindo graus de intimidação, e o mais importante, de interdição feminina. Escolhemos uma loja no centro da cidade, no shopping *Oasis*, e realizamos ainda entrevistas com as vendedoras de três sex shops em Mossoró.

Com o uso das entrevistas, intenciono alcançar com clareza a interação social que a entrevista representa (GOODE, 1999). Permitindo a compreensão das nuances muito subliminares de se perceber. Por exemplo, as normatividades sexuais que regulam o controle da sexualidade feminina que estão sendo modificadas: uma valorização dos bens eróticos e por iniciativa (como produtoras, comerciantes e consumidoras) de mulheres. Isso permitiu ampliar a visão de escolhas e práticas sexuais possíveis, afastando-as, sobretudo para as mulheres, do seu sentido normativo de reprodução sexual.

1. Das normas sexuais

A sexualidade para Foucault (1988) é o segredo mais barulhento do mundo. O conceito de poder, saber e prazer permuta nas teorias difusas na sociedade que se encontram presentes em todos os pontos, fazendo inter-relações com os discursos humanos de sexualidade. Encabeçando um discurso bastante difundido de repressão sexual, seguindo uma linha sócio-histórica. Para o autor, sua progênie coincide com o início do capitalismo, fazendo parte deste modo da burguesia do século XVIII. Os elementos negativos da privação do sexo, que compele as proibições e censuras, são somente algumas peças entre outras com a função discursiva no dispositivo de poder, uma vez que, o discurso é o meio, segundo Foucault (1988), de dizer a verdade sobre o sexo, subvertendo as leis que o inibem.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A família é onde a sexualidade se apresenta como aliança se encontra mantida. Não obstante, a sexualidade feminina destoa desse padrão heteronormativo de aliança social, para um vínculo afetivo. Foucault (1988) explica que essa fixação da aliança em torno da família deixa clara a relação entre a figura da mesma como um centro obrigatório de afetos e amor. A sexualidade seria como uma eclosão ilícita da família. A base familiar e sexual que estreita os laços sociais não aceita sexualidades desviantes. O que for considerado contra essa sagrada aliança marital deve ser tratado e voltado para a família, como uma fórmula mágica de curar o afastamento do modelo ideal (FOUCAULT, 1988). As mulheres estão conseguindo aos poucos desprender-se dessa aliança já trançada. O fato das mulheres casadas virem às compras com mais frequência é um indício do vínculo afetivo. As escolhas sexuais estão ligadas a uma identidade coletiva, pertencendo a um sistema de heterossexualidade compulsória que claramente opera através da reprodução de um conjunto de elementos sexuais coercivos.

O sexo é usado como um instrumento de poder, para Foucault (1988), todas essas categorias reguladoras são partes das relações de poder que procedem mediante a comparação normativa. Porém, nunca se viu tamanha explosão sexual com as consideradas sexualidades emergentes, no sentido de um modelo comparativo com a heteronormatividade legalmente aceita. Uma vez fora do padrão, sempre desviante. A heterossexualidade do desejo segundo Butler (2003) produz uma descriminalização assimétrica entre feminino e masculino, os atributos de macho e fêmea. A matriz cultural requer um intermédio de identidade de gênero no aspecto coletivo. Visto por esse ponto de normatização, algumas identidades de gênero parecem falhas do desenvolvimento e de impossibilidades lógicas simplesmente por não se enquadrarem.

Apesar disso, segundo as respostas das vendedoras, nove de cada dez clientes são mulheres casadas, ou com um relacionamento estável, descortinando o conceito de normatividade. Isso oferece de antemão uma fissura no conceito histórico onde o casamento é uma instituição feita no intento de somente reproduzir descendentes. Pelas falas das



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

consumidoras e pelas respostas das vendedoras, são essas mulheres que se expõem mais. Existe uma hierarquia dentre as clientes, a maioria comprometida se expõe mais, tornando-se evidente as suas intenções o que é muito diferente, por exemplo, de uma mulher solteira, ou de uma homossexual. Pela interpretação das respostas é visto que é menos vergonhoso para a mulher sentir prazer com o seu parceiro, do que sozinha, ou com outra mulher. Em todo caso, as mulheres esposadas se mostram mais. As consumidoras que encontram mais resistência na hora da compra são aquelas que o consorte exerce um controle marital, principalmente pelos produtos considerados explícitos. A imagem masculina está tão intrinsecamente ligada à objetividade da penetração que alguns cônjuges não gostam quando a parceira adquire um dildo, ou um vibrador, por exemplo.

Contudo, a repressão de alguns leva as suas parceiras a usar produtos como géis, ou estimulantes, de modo que eles não percebam. Acredito que isso seja a explicação para que as famosas *bolinhas* sejam uma das lideranças do sex shop, porque elas oferecem o elemento surpresa. Um número ainda expressivo, elas têm a preocupação de serem discretas para não haver retaliações, mas mesmo assim estão preocupadas com a própria satisfação. Rejeitar o padrão de procriação heteronormativo por escolha sexual é um modo de renegar as relações de poder.

As mulheres começaram a se impor, mostrando-se mais exigentes, mesmo dentro da preocupação do erotismo inclusivo, a mulher precisa da afetividade do companheiro. Contudo, as entrevistadas deram uma resposta unânime: o problema principal da maior porção das consumidoras é que elas não conseguem alcançar o orgasmo:

Elas se deparam muito com falta de orgasmo, de não conseguir alcançar o orgasmo, ou relação ao parceiro conseguir ejacular primeiro, que é no caso a ejaculação precoce, a questão delas terem fantasias e seus parceiros não satisfazerem, mas geralmente é a questão da falta de orgasmo. (informação verbal²)

² Luiza vendedora da *Sensual Delivery* em entrevista.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Insatisfeitas com a desenvoltura das suas vidas sexuais, elas rompem mais uma vez com essa construção cultural uníssona, começou-se a falar de orgasmo feminino depois da década de 60, até o século XIX era nato de a feminilidade ser álgida (DEL PRIORE, 2011). O que eu pude perceber, é que os homens são muito ansiosos para demonstrar que são *machos*, tem pavor de falharem na ereção e penetram logo. Muito rápido, muito sem jeito, e ejaculam sem muita demora; além de ainda existir uma interdição maior sobre o desejo feminino, ainda mais numa sociedade machista como a de Mossoró.

Diria Butler (2003) que derrubar essa sexualidade compulsória, inauguraria o ser humano como pessoa livre de parâmetros sexuais. A vergonha é a ferramenta mais forte para que algumas mulheres sintam o poder da interdição antes de entrar numa loja. A culpa antecipada que alguém conhecido veja que ela comprou algum artigo erótico pesa na consciência. Diante desse arsenal bélico que torna a mulher um ser mudo (ou sem voz), ainda sim elas encontram maneiras de enfrentar as interdições impostas. Algumas transgressões mais refreadas, outras mais declaradas. A mulher está descobrindo essa liberdade de forma deliberada. Não é preciso dizer que mais comum do que os discursos produzidos pelas clientes do sex shop, o recato com que tratavam partes do corpo ou experiências sexuais, por exemplo, trocar um substantivo por outro, abandonando o chulo pelo socialmente aceito, mostra como se criou vários meios para extrair esses discursos, revelando uma ação de valorização cada vez maior do discurso, não importando a discrição. Nós do lado ocidental do hemisfério ficamos presos a necessidade de falarmos tudo sobre sexo.

2. Quando Amélia deixou de ser exemplo – As mulheres consumidoras

Socialmente as mulheres foram as mais acometidas pela privação de sentir desejo, dessa forma, apenas uma mulher é capaz de conhecer o peso do seu papel social; a sexualidade contemporânea está desmarcando os limites já impostos há tanto tempo, marcando um processo social de bastante complexidade. Minha intenção é dialogar com a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

contribuição dessas fronteiras para uma abertura de novas construções de gênero e das restrições ou deslocamentos das práticas sexuais já estabelecidas em uma cidade de médio porte como Mossoró. Tratando de gênero, Butler (2003) emprega uma genealogia crítica, fortemente fundamentada no pensamento de Foucault, das categorias de gênero estabelecidas como uma relação binária, correspondendo a homem e mulher. Demonstra que através desse binarismo extrai-se o seu produto retificado de práticas discursivas múltiplas, disseminadas, que funcionam como instrumentos de poder, sendo heterossexualidade compulsória apontada como um dos elementos definidores desta construção. A genealogia do binarismo dos gêneros conduzirá Butler (2003) à crítica da distinção dos mesmos com relação ao sexo, compreende a ideia de um sexo natural, por um lado, e um gênero culturalmente construído, por outro.

Se o gênero é cultural, não se pode dizer que existe uma naturalidade de comportamento. Da mesma forma que existe uma descontinuidade dos corpos culturalmente construídos. A estabilidade binária não denota exclusivamente a construção do “homem” num corpo masculino e vice-versa. Não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer estáticos (BUTLER, 2003). Se as noções de gênero não são mais reconhecidas como premissas básicas para enquadrar o sujeito, um novo tipo de construção variável de identidade confronta o normativo. Surge uma oportunidade de pensar sobre o sujeito feminino; repensar práticas representacionais capazes de renovar o papel da mulher na sociedade.

A dialética dos gêneros exclui a mulher, numa economia significativamente falocêntrica fechada. Para Butler (2003), a noção de gênero binária (masculino/feminino) constitui uma noção exclusiva, separado da identidade singular; significa dizer que um gênero precisa do outro para se legitimar. A identidade possui uma hierarquização de regra e essa noção é permanentemente. Contextualizando em Mossoró os seguintes apontamentos sobre gênero, de acordo com as entrevistadas, essas transformações do feminino no perfil das consumidoras do sex shop abraçam todas as camadas. A classe social é bastante rotativa como a faixa etária das consumidoras, que varia dos 18 anos³, até segundo entrevista, os 79 anos. A

³ Idade mínima permitida por lei.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

maioria é composta por mulheres entre 20 e 40 anos da classe média. Os preços são acessíveis, o que facilita a abrangência de classe, não existe nenhuma discriminação que privilegie nenhum grupo em específico, o que significa dizer que todas as mulheres podem começar consumir e isso não lhes cabe a idade ou camada social. As clientes não têm um perfil engessado de forma que o público feminino do sex shop é bastante heterogêneo.

As principais indicações que as mulheres que vão a um sex shop recebem para irem até a loja, vêm de amigas que já experimentaram algum produto. Uma amiga que fala para outra amiga despertando a curiosidade de outra amiga, e assim sucessivamente. A indicação é tão importante quanto a curiosidade disfarçada pelo moralismo. A permissividade da curiosidade feminina que é quase como uma iconoclastia sexual na quebra dos paradigmas, num dado espaço de comércio erótico, o afrouxamento das restrições das normas prescritivas de comportamentos sociais relativos aos atos sexuais, no que se configura a institucionalização de novos padrões comportamentais. Não foi novidade as vendedoras responderem que os tipos de produtos mais visados pelas mulheres são aqueles que alimentam a sexualidade participante feminina. Uma mulher usando um vibrador, por exemplo, é uma sexualidade muito aberta, elas mesmas tratam isso como tabu e procuram sempre saciar-se com seus parceiros. É mais socialmente aceitável uma mulher ter prazer com o seu parceiro, do que sozinha. Talvez a procura maior por excitantes venha desse conjunto das reações de interdição que se pode observar num indivíduo estando no sex shop e em dadas circunstâncias. Muitas mulheres se vêm bem estabelecidas economicamente, entretanto, ainda que para uma parcela, viver a própria vida é sair da casa dos pais casada, o paradoxo é que o casamento é usado para ter certa autonomia. O casamento, relacionamento estável, são armadilhas que nos lançamos deliberadamente. O tabu da mulher idealizada, casta e pura, e que segundo as entrevistas está sendo transgredido:

Pra algumas ainda existe. Muito. Mas eu acredito que de 100%, 60/70% já foi quebrado. Porque antes o fato de existir um sex shop, tinham pessoas que não passavam nem na frente. E hoje a gente tem um público muito grande. É tanto que a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nossa busca por novidades, por coisas diferentes, é insaciável, ta sempre buscando pra que possa ta trazendo pra elas, por que, toda semana elas chegam aqui perguntando as novidades. (informação verbal⁴)

3. Erotismo e transgressão

De acordo com Bataille (1987), o erotismo é o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. O autor dialoga sobre o fundamento do interdito universal: sexualidade. As interdições sexuais são casos particulares que abrangem um sistema totalitário, este que compreende a sexualidade como um todo, variando de interdições religiosas e sociais de todos os tempos e lugares numa determinada sociedade. A questão do conhecimento erótico exige uma experiência pessoal, igual e contrária, da interdição e da transgressão (BATAILLE, 1987).

A vergonha semelhante que faz com que muitas mulheres não consigam ultrapassar as portas do sex shop. O fato de essas mulheres consumidoras existirem é uma prova da interdição organizada sobre a sua sexualidade oprimida. O chavão que vem sendo repetido ao logo desse texto, que ainda é forte o tabu da individualidade sexual feminina em Mossoró, é quebrado com o consumo dos artigos eróticos. Todas as vendedoras batem na mesma tecla de que a vergonha que essas mulheres sentem vêm do temor que a sua imagem seja anexada a de uma mulher desfrutável. Isto se observa através de uma parte das consumidoras que não saem com as sacolas da loja a mostra, as que sentem desassossego com a possível reação do companheiro, como também pela expectativa de gostarem do efeito do produto e isso lhes traga uma imagem negativa. A interdição está sendo transgredida, embora não anulada completamente. Apesar da cultura patriarcal fortemente enraizada em Mossoró, não as impede de transgredi-la. É muito pertinente que a sexualidade das clientes seja tratada com gentileza. Para elas se sentirem à vontade é necessário que essa transgressão não seja objetiva, para isso é preciso levar tudo com certa naturalidade. As entrevistadas afirmam como é substancial a procura por excitantes, pois estes são um dos carros chefes dos produtos. Elas ligam este fato

⁴ Explica Luiza, vendedora da *Sensual Delivery*.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a demanda que elas têm em sentirem mais prazer nas suas relações sexuais, algo até então historicamente apenas fazia parte da sexualidade masculina.

Atualmente, o ato sexual em que apenas o homem sente prazer não é mais aceito. A maior porcentagem das consumidoras não aceita esse tipo de comportamento porque as práticas sexuais que são satisfatórias para elas reforçam a autoestima. Segundo entrevistas, muitas delas chegam desestimuladas, com baixa estima, sem vontade até mesmo de fazer sexo. O sexo é geralmente um momento de grande exposição e as clientes querem se sentir mais satisfeitas com seu desempenho, e como as vendedoras afirmam elas procurar melhorar o relacionamento com o parceiro.

O erotismo afastou o aspecto fundamental da cópula, que é a reprodução. A excitação não está ligada a consciência de gerar ou de perpetuar outros seres. Quanto mais gozamos, menos estamos preocupados em procriar. O grande número de excitantes e produtos ligados a satisfazer a ânsia feminina por prazer revela timidamente a transgressão sexual organizada do espaço de subversão histórica de violação da qualidade feminina do desejo. Por outro lado, segundo Bataille (1987), a tristeza que aparece depois do gozo, pode dar o antegosto da morte⁵, “mas a angústia da morte e a morte estão no pólo oposto ao prazer.”(BATAILLE, 1987, p. 67)

Elas entram e dizem “Opa! Achei!”. Porque assim, principalmente pela forma que a gente expõe o produto: “Ah, isso aqui você vai sentir prazer de tal forma, um orgasmo diferente, três, quatro, né? A mulher ela começa a ver que é possível ter um, quando a gente diz três aí: “Meu Deus!”, muitas que nem tem, né? “Olhe, eu nunca consegui nem um, eu vou conseguir três com esse?” Então ela já sai totalmente diferente, eu tenho certeza que o sexo da noite vai ser diferente. (informação verbal⁶).

O erotismo é a transgressão dessa interdição, sem ele, não existiria o desejo, a sua manifestação mais profunda. A ruptura do interdito universal da sexualidade. As mulheres

⁵ Na França o orgasmo se chama *La petite mort*, ou “a pequena morte”.

⁶ Angélica, proprietária da *Sensual Fetiche*.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vêm transgredindo as normatividades sexuais já pré-estabelecidas e os sex shops representam a forma comercial dessa transgressão, de práticas sexuais fora dos padrões. E que apesar dessa construção cultural pungente sobre a mulher docilizada, o sex shop é um espaço comercial onde esses conceitos normativos não se anulam completamente, mas permitem uma transgressão desses valores normativos estabelecidos ao longo da história. O sex shop é um espaço que concede a mulher uma individualidade sexual. Brincam com o desejo transgressivo a essa normatividade heterodoxa.

CONCLUSÃO

As mulheres se manifestam dentro da cultura do mercado erótico em Mossoró, como sendo as protagonistas de um novo erotismo, onde a polaridade é invertida, passando de objetos de desejo a serem possuidoras dos seus próprios desejos. Uma transgressão organizada, forma com as interdições um conjunto de fatores que definem a vida em sociedade. “À ruptura dos limites damos, se for preciso, a forma de um objeto. Nós nos esforçamos para tomá-la por um objeto.” (BATAILLE, 1987, p.92)

Apesar das antigas restrições sexuais, a mulher encontrou uma brecha para poder exercer sua individualidade sexual dentro do sex shop e falar sobre sexo. Independente das suas remotas funções atribuídas como dona de casa, mãe, ou as mais contemporâneas no mercado de trabalho, elas estão conseguindo sim, encontrar um espaço de expressão sexual, uma classificação de gênero que diverge do padrão normativo heterossexista de construção matrimonial e maternal. Os depoimentos diários que as vendedoras recebem com a sexualidade feminina se fragilizando dentro dos seus relacionamentos, e não por isso elas se acomodam ao conservadorismo sexual. O sex shop funciona muitas vezes quase como um consultório terapêutico, elas chegam, conversam, contam as suas necessidades, contam suas angústias e dificuldades sexuais, entre risos e tensões. Pessoas que até chegam roendo a unha, olham para uma prótese peniana e dizem “Meu Deus, existe isso?!”, o choque é até elas descobrirem que sentir prazer é mais do que ter ou não um parceiro. Existe o receio que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

algumas não conseguem transpor a vergonha que por ventura sentiriam abrindo as suas vidas íntimas, mas nem por isso existe o impedimento. Como a maioria dos clientes dos sex shops em Mossoró são mulheres, segundo a entrevista feita nas três lojas, as vendedoras corroboram e afirmaram que numa média de dez clientes diários, cerca de sete são mulheres. A procura maior é sempre por excitantes, estimulantes, aceleradores de libido, levando a promessa de um orgasmo mais rápido e/ou intenso.

O aparecimento constante das sexualidades periféricas, segundo Foucault (1988) está ligada ao fato de que existe atualmente uma diminuição da resistência social, ou somente prova a existência de regime severo, que tem a preocupação de um controle direto. Sexualidades não lícitas que não venham à tona, que incomodam apenas os seus praticantes, por que à luz do dia não devem aparecer. Então a história da sexualidade talvez deva ser vista como uma crescente história de repressão. Por esse aspecto, notam-se ainda as tentativas de refreamento em Mossoró da sexualidade feminina, uma vez que em poucos lugares as mulheres podem expor naturalmente a sua individualidade sexual as margens da heteronormatividade reprodutiva. O fato de elas buscarem seu próprio prazer demonstra como esse prazer vai de encontro ao poder que o cerca, se difunde pelo conhecimento do discurso, principalmente pelo que acaba de desvendar.

Mesmo que as sexualidades marginalizadas tendam a se adequarem a heterodoxia compulsória, não inibem as mulheres de serem as principais responsáveis da alimentação do mercado erótico no país, em específico Mossoró. A substituição da perversão pelo pluralismo sexual é parte de um conjunto de mudanças em expansão na vida moderna, um declínio da perversão e de estruturas que mudam os parâmetros sociais externos, um processo socialmente organizado. Implica dizer que a mulher mossoroense hoje é bem resolvida com sua sexualidade:

Só o fato delas buscarem, só o fato delas estarem procurando novidade, já demonstra que elas têm uma vida sexual bem resolvida. E livre, porque eu acredito que se elas sempre tão buscando novidades, elas sempre tão buscando algo erótico, então é



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

porque elas sempre têm o consentimento do seu parceiro. Então eu acredito que sim, que é livre. (informação verbal⁷).

⁷ Luiza, vendedora da *Sensual Delivery*.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges, **O erotismo**, Porto Alegre, L&PM, 1987

BUTLER, Judith, **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2003

DA MATTA, Roberto. **O ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”** in NUNES, Edson de Oliveira, (org.) **A Aventura Sociológica**, Rio de Janeiro, Zahar, 1978

DEL PRIORE, Mary, **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**, São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2011

FOUCAULT, Michel, **História da sexualidade vol. I: A vontade de saber**, Rio de Janeiro: Graal, 1988

_____, **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)** – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010

GIDDENS, Anthony. **Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993

GREGORI, Maria Filomena, **Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M**, in: _____, CARRARA, Sérgio, PISCITELLI, Adriana, (Org) **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**, Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 235-256

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOODE, William J. G. Hatt, Paulk. **Métodos em pesquisa social**, 7 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1999 (p. 237 – 267)

MALINOWSKI, Bronislaw. (1978), "Argonautas do Pacífico Ocidental". *Os Pensadores*, São Paulo, Abril Cultural. (p. 5-48)

SIMMEL, Georg, **A Sociologia do segredo e das sociedades secretas**, S/D

THERBORN, Göran, **Sexo e poder: a família no mundo, 1900 – 2000**; Bilac, São Paulo - Contexto, 2006